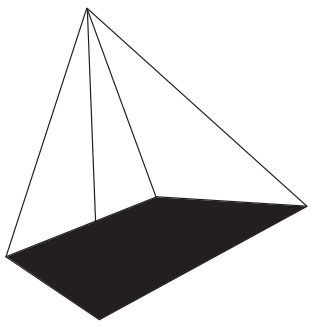
O Mito



"A estação arqueológica do Féti reveste-se de grande interesse para a pré-história dos reinos Ovimbundo. De acordo com a tradição, é o lugar mais antigo do centro-sul de Angola."

O Mito Féti

Há muito, muito tempo, caiu do céu um homem que se chamava Féti (de *okufetika* – começar). Nas suas andanças pelo país, Féti, que era caçador, acompanhado de seu cão, encontrou muitos animais, mas constatou que era o único ser humano na Terra. Finalmente, chegou ao rio Cunene, onde resolveu pescar. Porém, em vez do hipopótamo, que estava a perseguir, viu surgir das águas uma figura muito parecida com ele próprio. Tirou-a do rio e chamou-lhe Tchoya (de *okuoya* – completar). Ela foi a primeira mulher na Terra e, com ela, Féti fundou a primeira família. Ao primeiro filho chamaram Ngalangi. Mais tarde, nasceu uma filha, Viyé. Esses filhos passaram a ser os pais criadores de todos os Ovimbundo.

Este mito era comum, em diferentes variantes, não só entre os Ngalangi, como também entre os povos seus vizinhos. Noutra versão, Féti acabou por ter três mulheres – Tembo, Tchoya e Civi – que se tornaram as mães criadoras de muitos povos da região centro-sul.

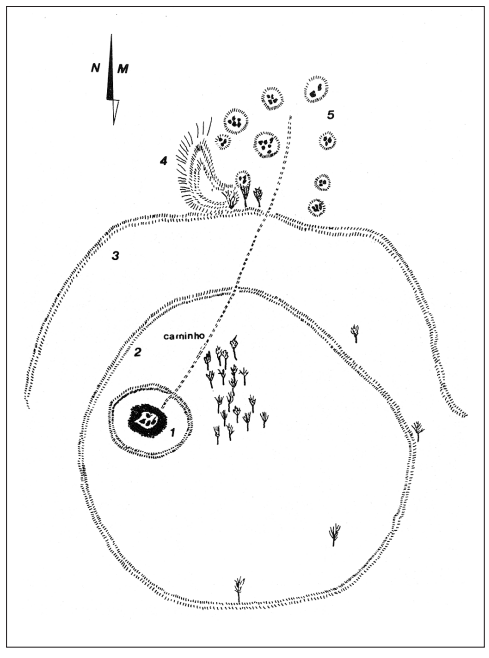
Segundo consta, ainda se podem ver as pegadas de Féti e do seu cão, numa pedra, nas margens do rio Cunene.

A estação arqueológica do Féti

A estação arqueológica do Féti reveste-se de grande interesse para a pré-história dos reinos Ovimbundo. Situada próximo da confluência dos rios Cunhongamua e Cunene, na povoação do Tchimbundi, comuna da Calima, a 95 km a sul da cidade do Huambo, de acordo com a tradição, é o lugar mais antigo do centro-sul de Angola.

A sua extensão foi inicialmente documentada por escrito pelo missionário Ernest Lecomte (1893), sucedido pelo etnólogo Alfred Schachtzabel (1913–14), explorada pelo garimpeiro Diamantino de Moura (1944) e investigada pela antropóloga Gladwyn Childs (1960 – 64), que aplicou métodos científicos, fornecendo dados conhecidos e utilizados até hoje.

No entanto, as suas dimensões e as descobertas descritas são suficientes para salientar a sua importância. Assim, numa perspectiva histórica, fala-se de um baluarte de defesa, de 6 m de profundidade e de 10 a 12 km de comprimento, entre os dois rios, de uma pirâmide de pedra, de cerca



de 5 m de altura e 15 m de largura, de jazigos, cerâmica, 400 folhas de enxadas e outros instrumentos de ferro, como um martelo de forjar e um buril, de sinos, gongos, flechas de ferro, arcos de cobre e da figura de um cão em metal. Poucos desses vestígios estão conservados e documentados. Ainda assim, esse pouco, com os seus edifícios de pedra e baluartes, vestígios de minas de ferro e múltiplos objectos de ferro e numerosos vestígios de ossadas de gado bovino e animais de caça, indica a antiga existência de uma sociedade trabalhadora e rica e de um centro de comércio florescente. Juntamente com as duas análises de C14, os dados existentes são suficientes para considerar Féti a capital de um primeiro reino Ovimbundo, que se poderá ter formado ao longo do século XIII e existido até ao século XVI.

Arqueologia contemporânea

A Idade do Ferro na África Austral estendeu-se por um período de quase 2000 anos, de 200 – 900 A.D. a 1300 – 1820 A.D., tendo sido extinta pelo colonialismo.

A percepção da *Idade do Ferro* como uma fase de evolução tecnológica, poderá ser errónea. O termo é um legado da perspectiva científica moderna 'importada' de modelos europeus, desenvolvidos de inícios a meados do séc. XX, induzindo uma visão linear da história da humanidade aplicável a todo o mundo – mais conhecida por *modernidade*.

Arqueólogos africanistas e arqueólogos contemporâneos, dedicados ao estudo desta era na África Austral, têm vindo a desenvolver uma perspectiva que se liberta da noção linear de tempo, desenvolvimento e história. Os sítios arqueológicos já não são espaços isomorfos e explicáveis por meio de teorias e modelos estáticos aplicáveis a qualquer outro sítio similar. As regiões, espaços e lugares do passado são pontos de interacção entre vários grupos e indivíduos com diferentes estratégias de subsistência, práticas, credos e conhecimentos sobre o mundo material, e às evidências arqueológicas desses vestígios pergunta-se "o que e quem estamos a estudar?".

"Há uma conscientização crítica de que comunidades de todas as escalas e tipos devem ser compreendidas em termos das suas características únicas, e dos significados e histórias locais. Isto é um reconhecimento do passado como tendo potencialmente sido tão dinâmico como o presente".

Apesar dos diferentes argumentos, o foco nas 'fronteiras móveis' e 'mosaicos étnicos' partilham a preocupação epistemológica em quebrar velhos preconceitos, para que se possa avançar de uma visão abstracta, a-histórica, para a criação de abordagens focadas na experiência localizada, evitando-se estudos do passado essencialistas e reduzidos.

Referências:

Childs, G. M. *The Chronology of the Ovimbundu Kingdoms*, Journal of African History, XI 2 (1970) pp. 241–248

Ervedosa, C. *Arqueologia Angolana*, Ministério da Educação da República Popular de Angola, 1980

Fredriksen, P. D. & Chirikure, S. *Beyond Static Models: An Evaluation of Present Status and Future Prospects for Iron Age Research in Southern Africa*. Cambridge Archeological Journal, 2015

Heintze, B. *Alfred Schachtzabels Reise nach Angola 1913–1914*, Afrika Archiv 1. Rüdiger Köppe Verlag, Alemanha, 1995.

Vansina, J. *How Societies are Born, Governance in West Central Africa before 1600*. University of Virginia Press, Estados Unidos, 2005

Imagem:

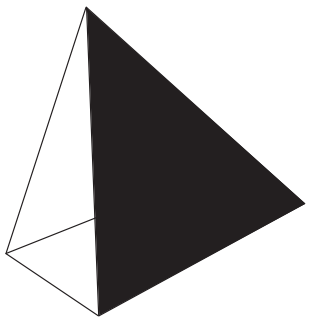
Féti. Esboço da planta, segundo Moura (1957).

ACTIVIDADE PARA OS MAIS NOVOS
ILUSTRAR UMA HISTÓRIA

Lê o mito de *Féti*. Desenha as tuas personagens do mito favoritas.

Objectivo: Conhecer mitos de criação.

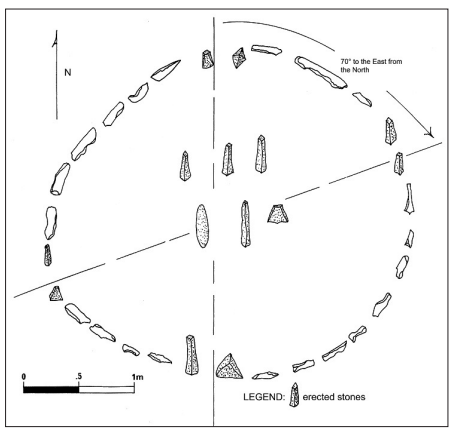
Astronomia



“O céu nocturno é herança de todos os povos e cada um levou inúmeras gerações a observar e mapear os céus, além de definir a relação com ele.”

Astronomia cultural africana

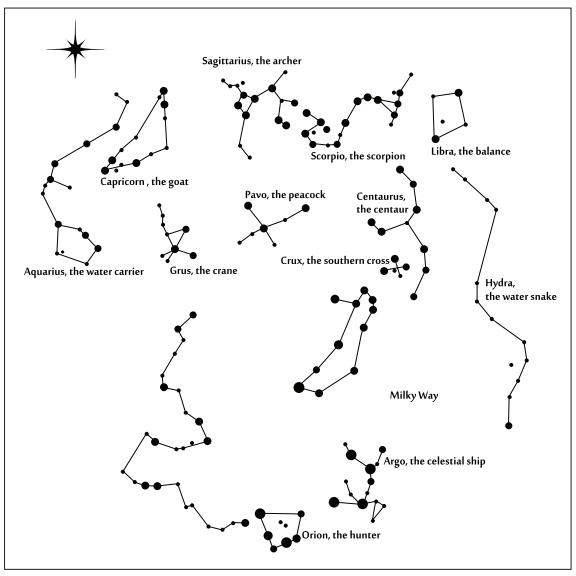
Desde tempos imemoriais, os seres humanos olham para os céus e reflectem sobre os mistérios do *cosmos* – África não é excepção. Das pirâmides do Antigo Egipto às ruínas da tradição do Grande Zimbabué, a *astronomia cultural africana* está presente nos alinhamentos astronómicos, geometria simbólica e iconografia celestial de muitas culturas. É rica em figuras míticas, *cosmologia* e *cosmogonia*, métodos de adivinhação que utilizam observação de *corpos celestes*, e muitos outros credos e práticas espirituais relacionadas com o céu, estando intimamente ligada à criação artística, sabedoria cultural e científica e estruturas sociais dos povos que a praticavam ou que ainda a praticam.



Apesar de haver poucos estudos sobre a astronomia cultural de África, já se alcançaram descobertas notáveis, como o complexo megalítico no deserto do sul do Egipto, em **Nabta**, um local de habitação sazonal de pastores nómadas, há cerca de 11000 a 4800 anos. Um círculo de pedra exibe uma “janela” de linha de visão num azimute de 62º. O sol nascente, no pico do verão, teria sido visível naquela direcção por volta de 6000 anos a.C. Essa é a mais antiga estrutura alinhada astronomicamente descoberta no mundo.

A astronomia em África não se limita apenas à antiguidade. Estudos mais recentes focam-se nas práticas de navegação fluvial e marítima Swahili (em Zanzibar, Mafia e Kilwa), na determinação das estações agrícolas com base no calendário lunar (entre os Igbo da Nigéria) ou na construção de casas de tal forma que as vigas cruzadas estejam alinhadas com o nascer e pôr-do-sol no *equinócio* (pelos Batamamaliba, do Togo e do Benim). Estes conhecimentos adquiridos indicam que a astronomia de África é tão diversa como as suas centenas de povos e inseparável da nossa herança cultural.

Referências:
Snedegar, K. 1999. *Sub-Saharan Africa: Cultural Astronomy’s Heart of Darkness*
Urama, J. O., Holbrook, J. C. 2011. *The African Cultural Astronomy Project*
Holbrook, J. C., African Astronomy, www.africaspeaks.com
Astronomy in Africa 2019, Statistics, People, www.africa.astro4dev.org



A astronomia e a oralidade africana

A maior parte da herança astronómica de África não está guardada em pedras silenciosas; existe em tradições orais ainda vivas e extremamente ricas, conhecidas por *sabedoria estelar* – mitos e lendas baseados nos corpos celestes, incorporando frequentemente mitos da origem e criação dos povos, bem como contos perspicazes que reflectem aspectos importantes da sua cultura.

A sabedoria estelar dos diferentes povos do continente baseia-se nas constelações visíveis nos céus da sua região, tendo cada povo atribuído nomes e significados próprios aos fenómenos observados.

Assim, nas lendas dos povos Sotho, Tswana e Venda, da África do Sul e Botswana, uma das mais reconhecidas constelações na África Austral, as estrelas do Cruzeiro do Sul e os dois ponteiros brilhantes (alfa e beta Centauri), são *Dithutlwa*, “As Girafas”. As estrelas brilhantes da Cruz são girafas machos, e os dois ponteiros são fêmeas. Os Venda chamam às estrelas mais fracas do Cruzeiro do Sul, *Thudana*, “A Pequena Girafa”. Também dizem que o mês de *Khubvhumedzi* começa quando a lua em quarto crescente pode ser vista pela primeira vez e, ao mesmo tempo, as duas estrelas mais baixas da girafa estão logo abaixo do horizonte e apenas as duas superiores são visíveis. Os Sotho dizem que, quando as estrelas da girafa são vistas perto do horizonte sudoeste depois do pôr-do-sol, indicam o início da estação de cultivo.

Descobrir a astronomia na oralidade africana pode ajudar-nos a compreender como estes conhecimentos e credos moldaram as realidades vividas pelos nossos antepassados, tornando-nos conscientes das nossas próprias explicações sobre a origem do universo e do nosso lugar nele.

A astronomia moderna na África Austral

Com excepção da África do Sul e alguns países do Norte de África, a astronomia moderna é uma ciência bastante nova, com menos de 50 anos de existência activa no continente. O estudo da Astronomia é oferecido em poucas universidades africanas e os poucos observatórios e grandes telescópios estão localizados na África do Sul (4) e Namíbia (1).

Noutras regiões do continente, académicos procuram estudar a astronomia cultural africana e tecer, onde apropriado, interpretações científicas à luz da astronomia moderna. Acredita-se que isso mostrará ao continente que o raciocínio científico não é uma novidade em África, aumentando o interesse em estudar astronomia e ciências em geral.

Samuel Okoye foi o primeiro africano a obter um doutoramento em radioastronomia. A sua pesquisa levou à descoberta do famoso Pulsar da Nebulosa do Caranguejo.

AR

ACTIVIDADE PARA OS MAIS NOVOS
OBSERVAR AS ESTRELAS

Já alguma vez observaste o céu nocturno? Que constelações conheces? Conheces o nome de uma constelação numa língua nacional? Pergunta aos mais velhos. Escolhe uma noite clara para procurar as constelações do hemisfério sul.

Objectivo: Estimular curiosidade científica.

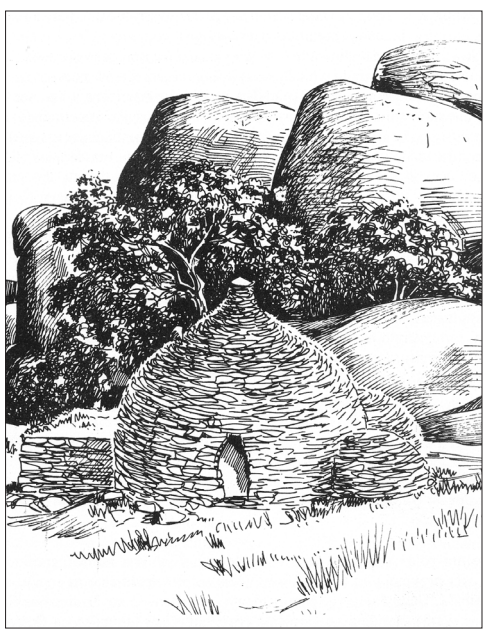
Culturas Materiais

"A construção dos assentamentos estava intimamente ligada ao processo de construção da visão do mundo dos povos da época."

Arquitectura de pedra

A Idade do Ferro está associada ao início da produção agrícola, metalurgia, cerâmica e vida sedentária na África Austral. Argumenta-se que o estabelecimento de assentamentos permanentes alterou a compreensão espiritual e conceptual do meio natural, tendo a permanência sido expressa através de vários tipos de arquitectura, como as conhecidas ruínas de pedra da tradição do Grande Zimbabué.

Apesar dos modelos estruturalistas defenderem que esses povos construíam segundo um plano pré-definido, onde a arquitectura e a cultura material se tornavam expressões passivas de poder e categorias sociais, importa ter em conta a recursividade íntima e contínua entre o material e o mental.



A construção dos assentamentos estava intimamente ligada ao processo de construção da visão do mundo dos povos da época. Compreender a arquitectura das várias fases da era pré-colonial, implica recriar a dinâmica dos agregados habitacionais e interpretar a experiência corporal da vida quotidiana, na forma como os corpos se relacionavam com o espaço e estavam em constante diálogo com os objectos que o compunham.

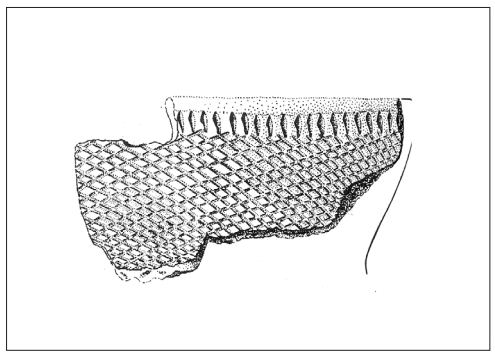
A introdução da arquitectura de pedra representou uma transformação do uso dos espaços habitacionais e do ambiente material.

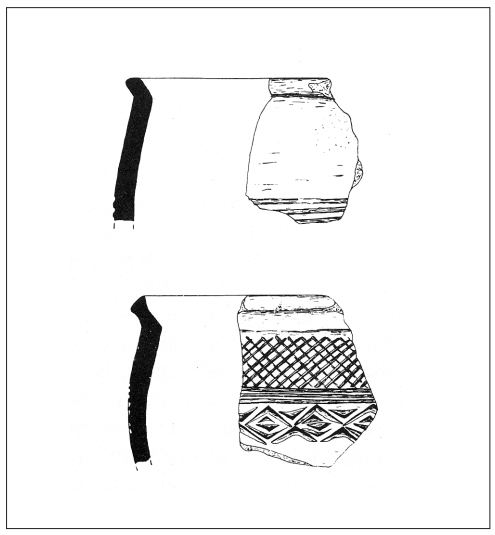
Referências:

Chirikure, S., Hall, S., Rehren, T. *When ceramic sociology meets material science: Sociological and technological aspects of crucibles and pottery from Mapungubwe, southern Africa.* Journal of Anthropological Archaeology, 2015

Ervedosa, C. *Arqueologia Angolana*, Ministério da Educação da República Popular de Angola, 1980

Fredriksen, P. D. & Chirikure, S. *Beyond Static Models: An Evaluation of Present Status and Future Prospects for Iron Age Research in Southern Africa.* Cambridge Archeological Journal, 2015





Povoações

Estudos, na região Austral, determinaram que o uso da alvenaria por alguns povos, durante a Idade do Ferro, estava intimamente ligado às mudanças da localização dos assentamentos e migração da agricultura para as chanas do interior. Surgiram novas formas de interacção e transformações económicas, sociais e tecnológicas, incluindo mais enfâse na criação de gado. Supõe-se que esta migração tenha sido fundamental para o subsequente desenvolvimento político, contribuindo para um sistema que oferecia mais oportunidades de acumulação de riqueza pessoal.

Cerâmica

Análises de restos de cerâmica, descobertos em várias estações da Idade do Ferro, corroboram a noção do papel interactivo das mulheres nas sociedades da época. Os *cadinhos* (parte inferior de um alto-forno, onde se acumula o metal fundido) de cerâmica, utilizados na metalurgia, uma actividade tipicamente masculina, eram idênticos aos potes fabricados pelas mulheres. Esta evidência indica que as mulheres deram um contributo significativo ao processo técnico e transformador, salientando o seu importante papel na reprodução, renovação e crescimento sociais.

Como os fornos, os potes também eram sexualizados como femininos, com referências metafóricas à procriação e transformações mediadas pelo calor. Os produtos de ambos os processos técnicos – metalurgia e cerâmica – eram utilizados por ambos os géneros: as mulheres usavam objectos de cobre como adornos, ferramentas agrícolas e de extracção de barro para fazer os utensílios de cozinha, ao passo que os homens comiam as suas refeições nos utensílios feitos pelas mulheres.

Campos agrícolas

O argumento de que o estabelecimento de assentamentos permanentes levou a uma transformação da compreensão espiritual e conceptual do ambiente, conduz a outro: que o processo de aglomeração populacional permanente, expresso através da arquitectura de pedra, levou a que as mulheres passassem mais tempo nos campos, aumentando a intimidade entre o corpo feminino, o solo e a terra, implicando que a presença dos seus antepassados se tornou relativamente mais dominante nos campos, bem como nos sítios associados às mulheres e ao processamento dos produtos agrícolas. Desta forma, a mudança da consciência da relação entre a experiência corporal da mulher, a percepção da agricultura como um trabalho marcadamente feminino e o meio natural circundante, desenvolveu-se como parte da vida nas cidades de pedra.

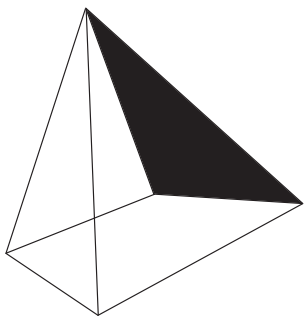
TERRA

ACTIVIDADE PARA OS MAIS NOVOS
INVENTAR PADRÕES

Inventa padrões que poderiam servir para decorar cerâmica, copos, pratos e jarras. Um padrão nasce quando os elementos se repetem. Cria, diferentes repetições com triângulos, circulos, quadrados e outros elementos.

Objectivo: Praticar artesanato e design.

Metalurgia



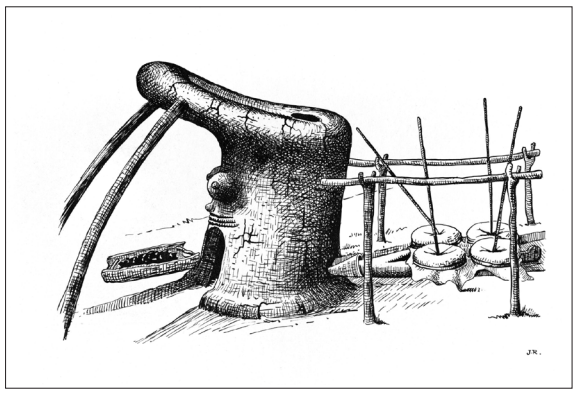
"Em muitas partes de África, a sul do Sahara, a fundição do ferro estava associada à gestação e reprodução humana."

A fundição do ferro

Apesar da Idade do Ferro se ter estendido por quase 2000 anos, a metalurgia artesanal ainda era amplamente praticada em África até finais do séc. XIX e inícios do séc. XX.

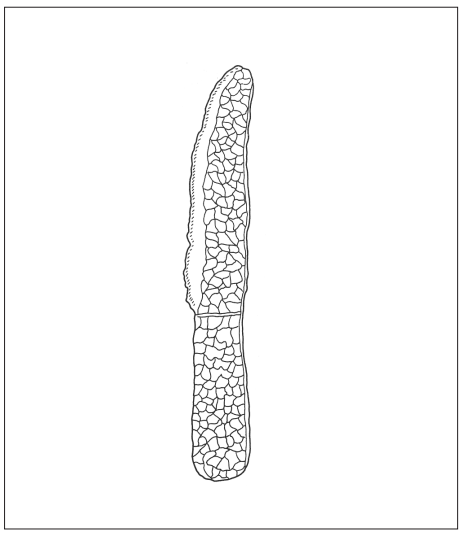
A metalurgia representa um período importante na história da tecnologia da África a sul do Sahara. Consistia em três operações distintas, mas sucessivas: 1) mineração e recolha do minério; 2) concentração e limpeza do minério; 3) fundição e forjadura para o fabrico de objectos.

Esta empreitada exigia mão-de-obra especializada em manter o equilíbrio entre os diferentes elementos necessários para a fundição de cobre, estanho ou ferro. Os fundidores tinham de saber escolher a matéria-prima certa e manter os rácios adequados de ar-combustível e minério-carvão, e trabalhar com pinças, martelos e foles de madeira ou barro e pele.



Os metais eram fundidos em fornos, havendo indicações de que, em Angola, predominavam os 'cadinhos' (buraco semi-circular, no chão, ladeado de materiais resistentes ao calor) e os 'fornos baixos' (estrutura cónica feita de argila, com um metro de altura e base de dimensão variada, usada ou não em combinação com o 'cadinho').

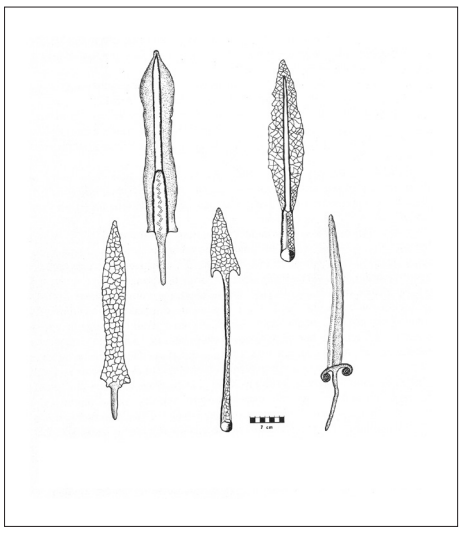
Aspectos puramente técnicos da metalurgia eram imbuídos de rituais e credos. Nalgumas sociedades prevalecia o credo na feitiçaria e colocava-se potes medicinais debaixo ou por cima dos fornos de fundição para neutralizar os poderes de feiticeiros maléficos. Em muitas outras, a fundição do ferro tinha uma ligação metafórica à gestação e reprodução humana, demonstrada pela prática de se decorar os fornos com partes da anatomia feminina, como seios, órgãos genitais, umbigos e outra iconografia sexual. Consequentemente, como o acto sexual, a fundição era localizada em sítios isolados e privados, longe do olhar público. Além disso, a fundição de metal era vista como um domínio masculino, sendo que às mulheres era vedado o acesso aos locais em que era realizada. Contudo, nem sempre.



Participação feminina

Apesar de alguns pesquisadores terem generalizado a percepção de que a produção de ferramentas para a agricultura, vida doméstica, caça e defesa era um trabalho exclusivamente masculino, há evidências de que as mulheres, e até crianças, membros da família de um ferreiro, também participavam no processo de fundição, fabricando os utensílios de cerâmica utilizados no processo de fundição ou bombeando os foles. Nestes casos, a fundição era praticada dentro dos agregados familiares, em áreas demarcadas.

Esta combinação do domínio tecnológico feminino – a cerâmica – com o domínio tecnológico masculino – a metalurgia, indica que estes dois processos técnicos estavam interligados, havendo abertura para estudos mais aprofundados sobre a fluidez, variação e improvisação da interacção entre os géneros, no quotidiano das antigas culturas africanas.



O Ferreiro

A dimensão mítica do ferreiro pode ser compreendida a partir do reconhecimento da sua importância económica e das modificações que a metalurgia trouxe para as sociedades africanas, contribuindo para colocar os ferreiros num lugar privilegiado nas suas comunidades. Esses especialistas desempenhavam inúmeros papéis além daqueles ligados propriamente ao seu ofício, como a participação nas cerimónias de entronização e morte de chefes e, em algumas regiões, nos rituais ligados à fertilidade.

Assume-se que, logo que novos depósitos de ferro ou cobre fossem descobertos, esses lugares começavam a atrair pessoas, muitas vezes de longe, para obterem tanto o minério de ferro como o metal bruto, que era fundido no mesmo local. Esses lugares reformularam a percepção que as pessoas tinham sobre regiões inteiras, possibilitando novos focos e novas rotas de viagem. Isso alterou os padrões de mobilidade espacial até então correntes na região. A nova actividade criou novos contactos entre diferentes comunidades, fruto da nova interacção necessária entre fundidores e forjadores.

A introdução da metalurgia favoreceu ainda a ampliação do comércio, na medida em que as ferramentas feitas de metal possibilitaram um aumento da produção. O poder bélico das sociedades também sofreu alterações, pois houve um considerável aumento da capacidade de defesa e também de expansão do poder dos reinos. Em muitos relatos míticos, presentes na região centro-africana, é recorrente a associação simbólica do rei com o ofício de ferreiro.

△
FOGO

ACTIVIDADE PARA OS MAIS NOVOS
CONTAR UMA ESTÓRIA

Qual é a tua estória favorita e porquê? Sabes inventar estórias? Imagina-te sentado(a) em volta duma fogueira. Que estória partilharias com os outros? Inventa uma pequena estória e partilha com o grupo ou com os teus amigos.

Objectivo: Treinar a imaginação e a expressão oral.

Referências:
Chirikure, S, Burrett, R., Heimann, B. R. (2009). *Beyond furnaces and slags: a review of bellows and their role in indigenous African metallurgical processes. Azania: Archaeological Research in Africa*
Ervedosa, C. *Arqueologia Angolana*, Ministério da Educação da República Popular de Angola, 1980
Fredriksen, P. D. & Chirikure, S. (2015) *Beyond Static Models: An Evaluation of Present Status and Future Prospects for Iron Age Research in Southern Africa.* Cambridge Archeological Journal, 2015
da Silva, Ribeiro J. (2008) *Homens de Ferro: os ferreiros na África Central no século XIX.*

Multivocalidade

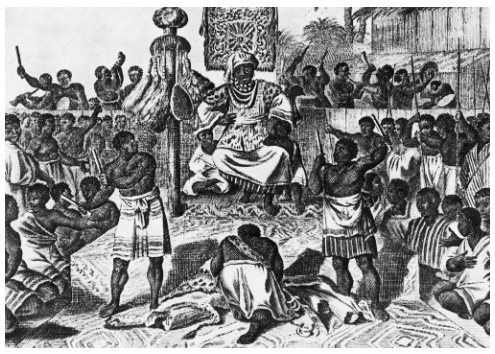
“Tal como não há apenas um período importante do passado, também não há só uma versão importante do passado.”

Património Cultural

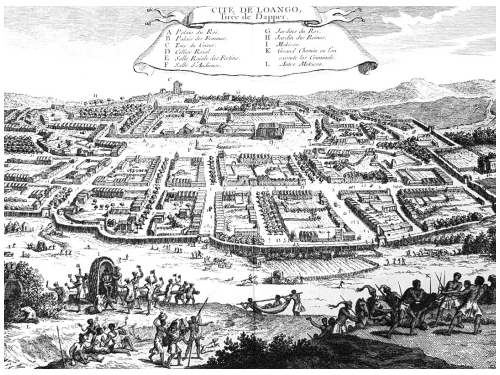
O património cultural é um bem público e vital para a identidade e coesão nacionais, geração de emprego, educação e valores culturais e religiosos. Porque representa a alma de uma nação, a sua conservação merece estar no topo da lista de prioridades.

Há inúmeros exemplos de sítios em África elevados a património cultural da humanidade, como *Timbuktu*, no Mali, ou *Mosi-oa-Tunya* (“Victoria Falls”/ “Cataratas Victoria”), entre a Zâmbia e o Zimbabué, que atraem um grande número de turistas, tornando-se fontes significativas de receitas para as economias nacionais. Em Angola, o centro histórico da cidade de Mbanza Congo, datado do séc. XIII, foi declarado património cultural da humanidade, a 8 de Junho de 2017. O primeiro no país.

Entretanto, o conceito do valor universal do património cultural tem sido criticado como uma forma de neocolonialismo e imperialismo cultural, através do qual pesquisadores e outros tiram proveito das comunidades anfitriãs (desse património) em nome da ciência ou do desenvolvimento.



Considerando a necessidade de compreender o passado, tanto duma perspectiva arqueológica como duma perspectiva local, tende-se a aceitar a ideia da sua universalidade, mas as comunidades locais ou autóctones devem beneficiar mais desses recursos e participar na sua gestão.



Arqueologia comunitária

A prática recente de envolvimento das comunidades nas pesquisas arqueológicas tem vindo a ganhar importância, visto que os arqueólogos procuram exercer a sua profissão num contexto mais contemporâneo.

O surgimento da arqueologia comunitária pode ser atribuído a vários factores. Inicialmente, os arqueólogos e gestores de patrimónios culturais viam as comunidades locais como fontes de mão-de-obra barata para o trabalho de campo, em vez de detentores de conhecimentos sobre o passado.

A dada altura, arqueólogos e gestores de patrimónios culturais constataram que a alienação das comunidades locais e autóctones estava a privá-los de valiosos aliados na protecção de sítios e monumentos arqueológicos. Assim, passou-se a exigir o envolvimento das comunidades como um requisito essencial do seu trabalho.

O envolvimento comunitário na arqueologia é a inclusão de pessoas e comunidades autóctones dos sítios arqueológicos nas várias áreas da prática e interpretação arqueológica. Esse envolvimento depende do contexto em que essas pessoas, comunidades e sítios se inserem, podendo tomar a forma de campanhas de sensibilização, participação nas escavações, gestão dos sítios e sua preservação.

Estas acções promovem a educação sobre o passado, aumentando a relevância da arqueologia para as comunidades actuais e estreitando o fosso entre o trabalho de campo, as comunidades locais e as discussões académicas.

Multivocalidade

A multivocalidade tem um papel importante na arqueologia e gestão do património cultural, na medida em que permite que existam vários relatos e interpretações do passado. Ela emerge quando as comunidades autóctones são envolvidas na concepção e implementação de projectos de pesquisa arqueológica. Aos valores, tradições, mitos e crenças locais alia-se o conhecimento histórico, antropológico e etnográfico de um sítio arqueológico, criando versões múltiplas do passado.

Estas ‘versões múltiplas do passado’ possibilitam um diálogo interactivo e constante entre o passado e o presente. Quanto mais se sabe sobre uma época, mais se altera a percepção do Outro, abrindo caminho para novas descobertas e novas análises.

O passado não pode ser revertido, mas pode ser compreendido nas suas várias dimensões. Tal como não há apenas um período importante do passado, também não há só uma versão importante do passado. A criação de um sentimento de pertença e participação na conservação, e até na reconstrução, do nosso património, depende da escala em que desejamos imaginar, interpretar ou reinterpretar as culturas materiais do passado. O presente é essa oportunidade em contínua transformação.

▽
ÁGUA

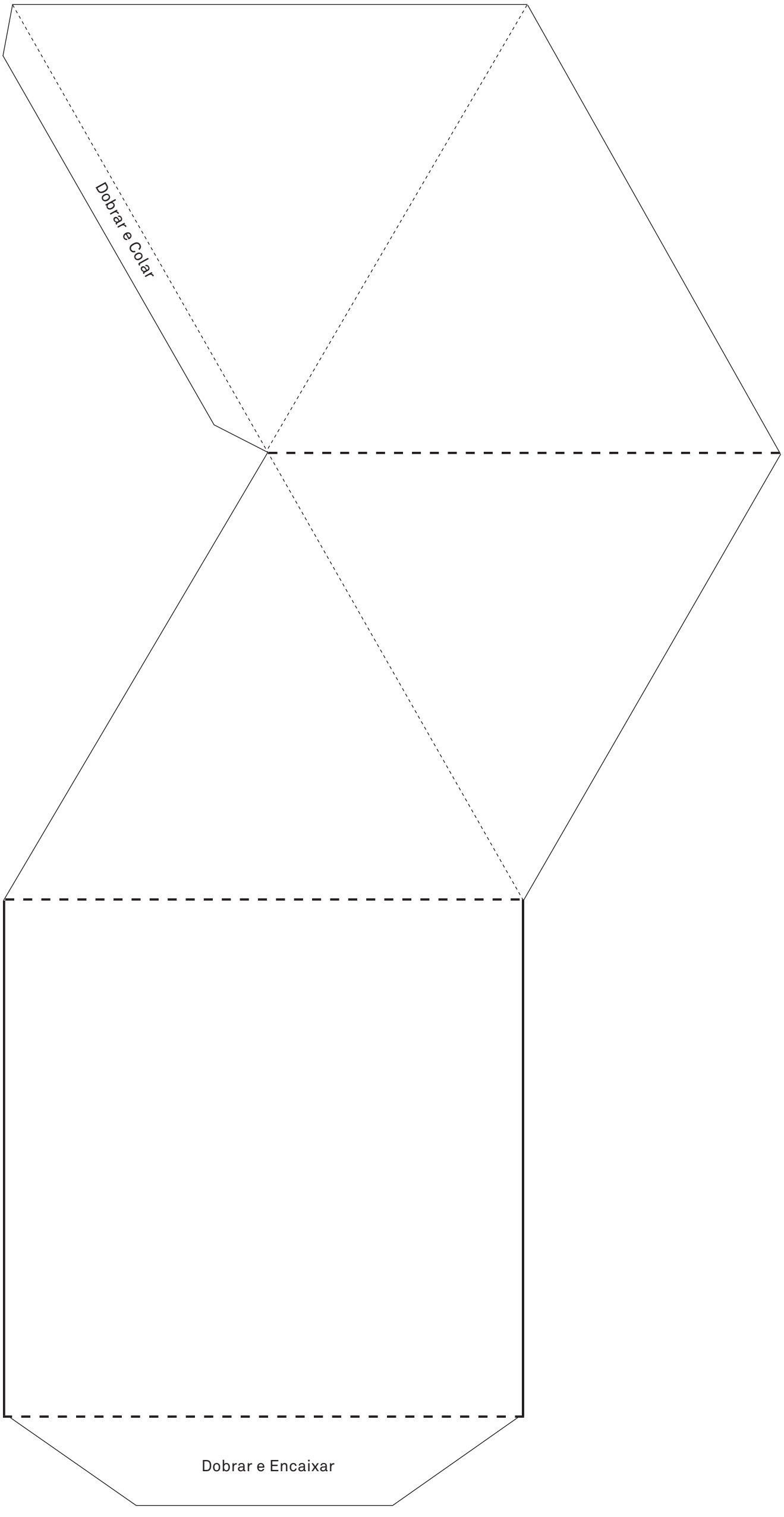
ACTIVIDADE PARA OS MAIS NOVOS
CRIAR UM
SÍTIO ARQUEOLÓGICO

1. Arranja um pedaço de papelão. 2. Pinta um desenho à tua escolha. 3. Corta o papelão em muitas partes. 4. Enterra-o na areia e marca o sítio. 5. Um colega deverá escavar cuidadosamente o que enterraste (ex. utilizando pincéis e peneiras). 6. Cabe ao teu colega reconstruir e interpretar o teu desenho.

Objectivo: Conhecer a profissão de arqueólogo.

Referências:
Chirikure, S, Pwiti, G. *Community involvement in Archaeology and Cultural Heritage Management. An Assessment from Case Studies in Africa and Elsewhere.* Current Anthropology, Volume 49, Number 3, June 2008.
Chirikure, S., *Heritage Conservation in Africa: The good, the bad and the challenges.* S Afr J Sci. 2013; 109(1/2)

Pirâmide



ACTIVIDADE PARA OS MAIS NOVOS
FAZER UMA CAIXA
EM FORMA DE PIRÂMIDE

Ideia de design: criar uma pirâmide egípcia

Crie a pirâmide usando um pedaço de papelão castanho. Desenhe as formas geométricas no lado de dentro do papelão, como indicado no diagrama, marcando as linhas que irás dobrar. Corte a forma. Lembra-te de deixar uma pequena margem para colar e outra para encaixar (para dentro). Pinte símbolos egípcios no lado de fora do papelão e deixe secar. Dobre as formas nas linhas marcadas e monte a caixa. A tua pirâmide está pronta!

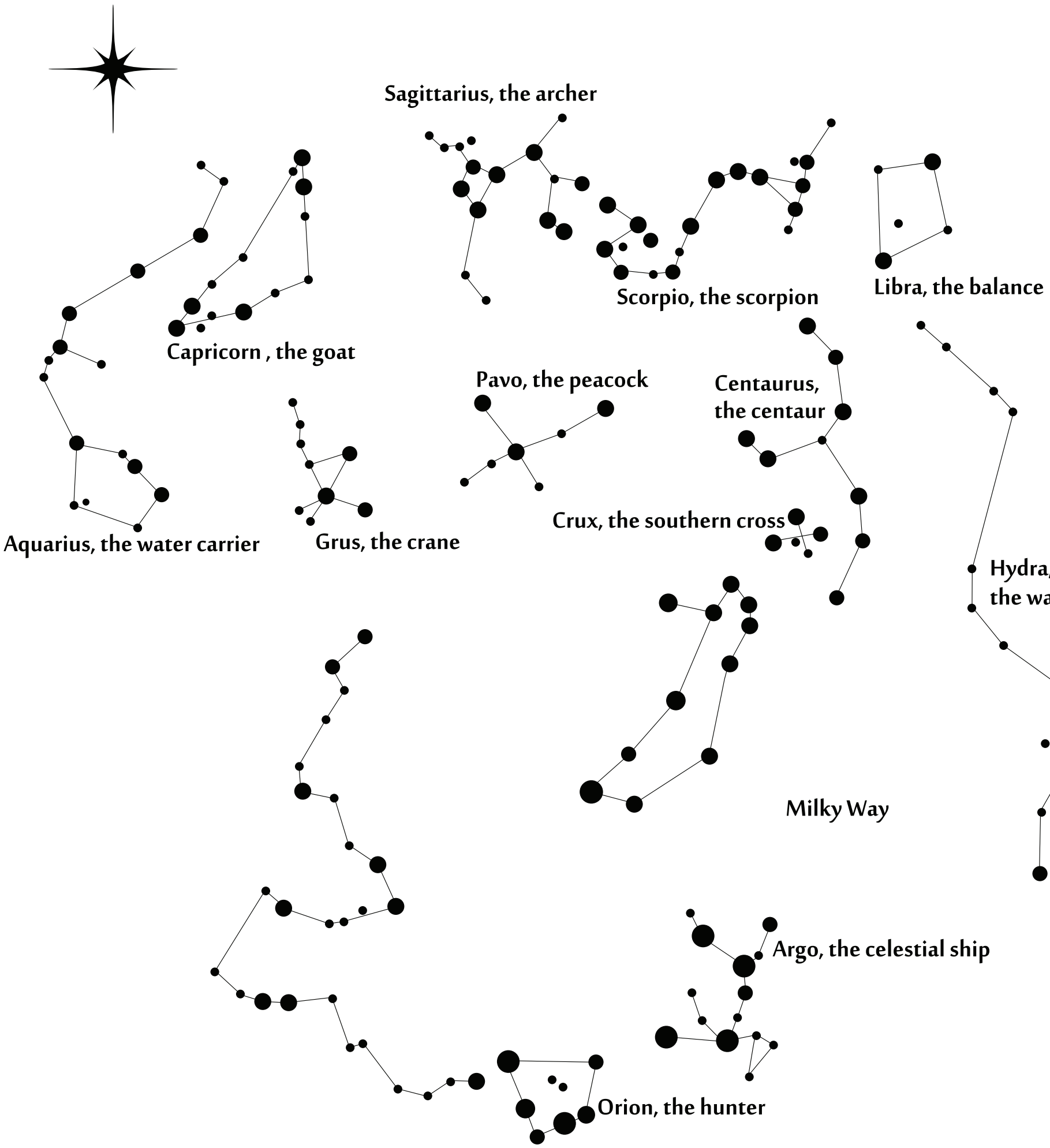
SÍMBOLOS EGÍPCIOS

Todo mundo já se deparou com a imagem do olho de Hórus ao menos uma vez na vida. Ele é um dos símbolos egípcios antigos mais importantes, que representa poder, força e proteção espiritual. Também chamada de o „olho que tudo vê“, o olho de Hórus se refere ao deus de mesmo nome, filho de Osíris, que acabou perdendo o olho durante uma batalha.

Assim como o besouro, a serpente também foi um animal venerado pelos egípcios. As cobras eram adoradas, e simbolizavam proteção, saúde e sabedoria, sendo considerado um talismã muito poderoso. Por isso, era muito comum observar cobras nas cabeças dos faraós egípcios.

Objectivo: estimular criação em três dimensões

Referências:
© Mirkwood Designs



ACTIVIDADE PARA OS MAIS NOVOS
OBSERVAR AS ESTRELAS

Já alguma vez observaste o céu nocturno? Que constelações conheces? Conheces o nome de uma constelação numa língua nacional? Pergunta aos mais velhos. Escolhe uma noite clara para procurar as constelações do hemisfério sul.

Objectivo: Estimular curiosidade científica.